



NO REGRESSO DA SUA  
VIAGEM AO NORTE,  
**O CHEFE DO ESTADO**  
AGRADECE AS ACLAMA-  
ÇÕES DA MULTIDÃO

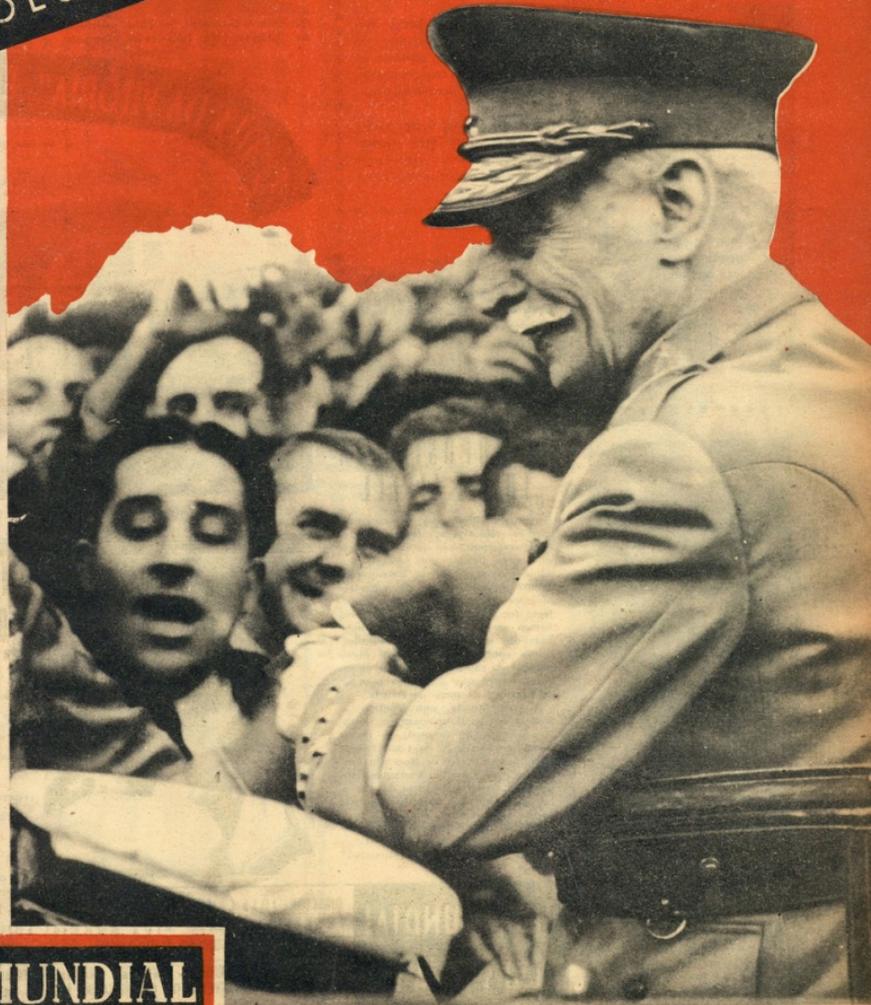


FOTO  
ARMANDO  
SERODIO

**VIDA MUNDIAL  
ILUSTRADA**

\*\*\*\*\*  
**CRÓNICA**  
\*\*\*\*\*

# VOCÊ NÃO CONHECE LISBOA!

**M**ENINA lisboeta, que faz dos «chás» elegantes e das estreias de cinema as grandes motivações da sua vida em plena capital — você não conhece Lisboa. Percorra as ruas de «táxis», porque se levanta tarde e o dia é pequeno para as deliciosas futilidades da sua vida. Mal atenta em quem passa, que o ponto do destino é o que interessa — e o seu destino nunca pode ser percorrer as ruas a pé... E não conhece Lisboa, acredite. Conheça «a sua Lisboa» — o seu mundo. Sabe de cor os nomes e os rostos que lhe são familiares, nas casas elegantes onde o chá é o pretexto para a sua presença...

Conheça bem os que vê ao redor, nas «premiéres» elegantes. Mas não conhece Lisboa. E é pena, acredite! É pena porque um dia, com esse feito aventureiro que Deus lhe deu, pode muito bem apeteer-lhe correr mundo. E em qualquer cidade do estrangeiro, são capazes de perguntar-lhe como é Lisboa — a nossa cidade. E você, lamentavelmente, não sabe!

Conheça a sua cidade, menina elegante de Lisboa! E olhe que é fácil — e vale a pena! Percorra, o pé, as ruas tristes onde crianças pedem esmola. Esqueça-se de que há restaurantes caros e experimente ir jantar às pensões modestas, onde a exigência é menor porque é pior a vida.

Circule pelas ruas, junto do povo, e só assim poderá aprender a auscultar a grande coração da cidade.

E aprenderá muito, creia.

Aprenderá que a vida não é só feita de festas elegantes e de estreias de cinema. Aprenderá que, para além dos grandes blocos de casas modernas, onde habita, há outras casitas modestas, onde a vida também é vida. E, acima de tudo, aprenderá a conhecer Lisboa, rapariga gentil, que pintou os unhas e pôs «batões» nos lábios, mas continua, por dentro, a ser encantadoramente simples e modesta...

ANIBAL NAZARÉ



Os «Quatro Grandes», em Paris, assistindo ao «Desfile da Vitória». Na foto, vê-se, também, o rei de Camboja.



A parada, junto ao Arco do Triunfo



(Serviço «International News Photos», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»)

## A PROPOSITO DA TORRE EIFFEL

A torre Eiffel, que os ocupantes alemães «ativaram tempo de «recuperação», compõe-se de 15.000 peças diferentes, ligadas por 2.500.000 rebites. Só os alvíssos consumiram 12.000 metros cúbicos de materiais diversos. No momento em que o projecto foi aceite, as autoridades receberam uma carta de protesto concebida nos seguintes termos: «Protestamos contra a erecção, em pleno coração da capital, da inútil e monstruosa torre que a maffia popular já baptizou de torre de Babel».

A carta trazia, entre outras, a assinatura de Maupassant, de Sully Prudhomme, de Gounod, de Huysmans, de Sarraute e de Léon Bonat. A obra de Eiffel e de Koehlin continua de pé. Desafiou bastantes tempestades. Teve muita sorte do que a famosa ponte de Marselha, desaparecida para sempre, e que tão bem quadraava com a fisionomia do «collage géométrique», nome que Léon Sautet dava à cidade meridional da França.



O senhor e a senhora Koehlin celebraram em Veveyx os seus bodas de diamante.

COM certeza não sabem que o júri encarregado de adoptar um plano para a construção de uma torre monumental, por alturas da exposição internacional de 1919, se pronunciou a favor do projecto de um cidadão suíço de origem alsaciana. Este suíço tem hoje 90 anos e vive numa linda casa situada acima de Veveyx-Montreux. Trata-se do senhor Maurice Koehlin, engenheiro famoso, que tornou conhecido em todo o mundo o nome das escolas superiores da Confederação Helvética.

**VIDA MUNDIAL ILUSTRADA**

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO — EDITOR: PEDROSA MARTINS  
PROPRIEDADE DE: «VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA»  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 5944

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFFINAS GRÁFICAS BERTRAND IIRMAOS, LIMITADA  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



## UMA RAPARIGA CORAJOSA

**T**RATA-SE de uma americana de dezassete anos, Gertrude Bromere, que há ano e meio vive graças a um pulmão de aço, em que se encontra deitada dia e noite. Mas a valente menina nunca perdeu a esperança. Hoje a cura está próxima. A felicidade da mãe não é menor do que a da filha. Mais um exemplo frisante da fé que move montanhas.

# UMA BATALHA ARTÍSTICA

**T**RES jovens artistas, Mimi Fogt, pintora francesa, seu marido e o escultor inglês Raymond Mason, realizaram recentemente, em Londres, uma exposição dos seus trabalhos, mas o público, pelos vistos, não gostou.

Ao mesmo tempo, na Academia Real, abriu uma exposição, onde o quadro de Dame Laura Knight, «O Julgamento de Nuremberg», atrai as atenções do público, que aprecia a exposição sem a ajuda de elecciono nem de libretto.

Mas isto para os jovens artistas, sedentos de originalidade, era o fim do mundo e da Arte.

Entraram na Academia Real dispostos a fazer barulho.

O primeiro que falou foi Mason:

«Esta Academia é uma empresa comercial. Sob o ponto de vista artistico, está morta e bem morta! Enquanto não fôr suprimida, não será mais do que um alibi, atestado a degenerescência do gosto artistico do público inglês.

«Não fujam das exhibições de arte moderna, só porque não gostam ou não percebem. Veíham ver a nossa Arte, senhores!».

Mimi Fogt também falou:

«Estamos à vossa disposição para vos ensinar a compreender a arte moderna. O que estais a ver é estúpido e deducen a vistas.

Velo, então, um continuo e expulsoes da Academia.

E os três jovens lá se foram, vencidos pelo público e pelo continuo, mas seguros da sua razão e convencidos, talvez, de que um dia a pintura detkará de ser um mero espectáculo para os olhos e se transformará numa ciência obscura, com rituais e mistérios, exigindo longas e trabalhosas iniciações...



↑ O professor Dr. Bissain Barreto, num retrato do pintor espanhol Martin Maquedo.

**O Prof. Dr. Bissain Barreto tomou posse do cargo de Director da delegação de Coimbra do Instituto Maternal**

O Subsecretário de Estado da Assistência Social deu posse, há dias, do cargo de director da delegação de Coimbra do Instituto Maternal, ao ilustre professor Dr. Bissain Barreto.

Numerosos amigos e colegas do empossado assistiram ao acto, que teve especial significado dada a alta categoria mental do prof. Dr. Bissain Barreto, que foi, em Coimbra, o grande percursor da protecção materno-infantil.

↓ **Os estudantes parisienses divertem-se**

As tradições do «Bairro Latino» são conhecidas mundialmente. Os estudantes não recesam brincar, em péso, ruma, nos trajos mais originaes. Estes, que vemos na foto, vestiram-se à moda dos estudantes da idade-Médias. E a multidão acompanha, com bom humor, esta irreverência dos estudantes de Paris.



← Os três audaciosos expositores, no Academia Real de Londres, chamam a atenção dos visitantes

## APRENDAM, MINHAS SENHORAS!

Elis um novo processo de trazer as crianças ao colo sem extender os braços.

Consta de uma faixa de lona presa a uma bandoleira de cortico, de modo que todo o peso é aguentado pelo ombro. A mãe que aqui vemos fabricou, ela própria, o «porta-bebés» com um cinto e um pedaço de lona tirada à moedila do marido desmobilizado!



**BANDOLEIRA**

**O BRACO DIREITO FICA LIVRE**

**A CRIANÇA SENTA-SE NA LONA**

# Pedro Leitão

## UM JÓVEM PINTOR QUE SE REVELOU AO PÚBLICO

N<sup>o</sup> Salão do Secretariado, ali a S. Pedro de Alcântara, Pedro Leitão, um pintor de vinte e poucos anos, acaba de triunfar plenamente com a sua arte, onde há já mais do que uma promessa, a certeza duma personalidade bem vindada, ao serviço da pintura.

Pode dizer-se ter sido esta exposição uma das mais curiosas e equilibradas que nos últimos anos por ali tem aparecido. Trata-se dum novo que chega, ardente de sonhos, com pujante entusiasmo, depois de ter em Espanha, junto de Vasquez Diaz, aprendido lições do grande pintor.

Durante três anos Pedro Leitão conviveu, hora a hora, na vida de ateliers com um dos mais expressivos temperamentos da pintura espanhola contemporânea. O interesse de Pedro Leitão pelo desenho começou logo ao alvocer da infância. Havia nele um desejo forte, um sonho que, persistentemente, se havia de materializar. Seduzido por essa ambição, em 1940 recebeu lições de mestre Leopoldo de Almeida, que diavilamente o encaminhou.

E foi ainda a conselho desse grande artista que Pedro Leitão demandou a Espanha, à procura de novos horizontes na aprendizagem da sua arte. Ali, numa vida de trabalho, correu os museus e estudou, curioso e entusiasmado, as telas maravilhosas que enchem as galerias desde o Prado ao Romântico, numa inesquecível lição de Arte que nunca mais se apaga dos olhos. Ora a primeira exposição deste jovem pintor é, acima de tudo, um tributo de gratidão, pelo que viu e aprendeu. O melo, a vida de ateliers, Vasquez Diaz, Leopoldo de Almeida, Espanha, com sol, mulheres belas, delicadezas, tudo, amalgamado, vem naqueles quadros, que o artista, honestamente, não quis esconder — porque tem sobejo talento para se impor.

Algumas dezenas de trabalhos encheram de cor o salão. Na maioria retratos, em telas largas, fortes nas tintas, num tom escuro, prelecto do pintor. Todos os trabalhos revelam logo o equilíbrio e a maneira desenvolvida e ágil com que o artista maneja o pincel. Dir-se-ia que, afeto à técnica, Pedro Leitão traz já, nos seus quadros, a certeza da arte que o consagrou — e não a esperança dum artista que quer caminhar. Não há hesitações ao lançar as tintas.

O pintor tem a personalidade de quem sabe o que quer — e até, como novo, não se deixa perder nesses entusiasmos largos que, por vezes, deixam perder a delicadeza dum quadro.

Enfim, Pedro Leitão foi a revelação, este ano, nos novos pintores portugueses. Vai partir, agora, para uma viagem de estudos, a Paris. Ali, a sua arte há-de ser apreciada de valor. Frequentando ateliers de artistas consagrados, Pedro Leitão irá caminhando — e quando voltar, em Outubro, Lisboa terá ocasião de ver, novamente, um pintor dos mais novos que já marca lugar na fileira dos melhores artistas portugueses. Do artista reproduz-se, aqui, três peças da sua obra. O «Fado», incarnado na expressiva Amélia Rodrigues, onde perpassa toda a amargura e sentimento dessa toda fatalista que a Severa soube encher de raro encanto — é um dos melhores trabalhos de Pedro Leitão. O artista soube, com extraordinário poder, estigmatizar no rosto da grande intérprete do «Fado» — o sentimento e a angustia que a guitarra, gemendo, sabe gerar.

MANUEL MARTINHO

Mercedes Bogaço, a formosa bailarina com o seu traje cético, outro admirável quadro de jovem pintor

O jovem pintor Pedro Leitão, que alcançou um grande êxito, com a sua exposição do Secretariado

O «Fado» — um dos mais expressivos trabalhos de Pedro Leitão

Um desenho de Pedro Leitão: Mory Cruz



Um aspecto do julgamento dos criminosos de guerra japoneses em Tokio, entre os quais figura em primeiro plano o general Tojo



1) O antigo senhor da guerra escuta, de aspecto corado, a leitura da acusação. Atrás dele está Shumei Okawa. Um políaco, de mãos atrás das costas, completa o quadro. 2) Okawa levanta a mão sobre a calva de Tojo, que de nada surtiu. 3) A mão de Okawa bate na cabeça de Tojo, ao mesmo tempo que o políaco intervem para evitar o acto. 4) Aparentemente divertido, Tojo abre a boca desdentado num sorriso amarelo, enquanto Okawa, de rosto indiferente, é mantido em respeito pelo políaco.

**QUANDO TOJO FOI  
ESBOFETADO  
DURANTE O  
JULGAMENTO...**

Estes quatro instantâneos mostram a agressão de que foi alvo o ex-Primeiro Ministro Japonês, Hideki Tojo, durante o seu julgamento e de mais 27 acusados de crimes de guerra, no tribunal militar de Tokio. Por acaso, um fotógrafo estava com a máquina apontada para Tojo e que fingiu não ligar importância ao assunto. A bofetada foi dada por Shumei Okawa, acusado de ter organizado o «incidente de Mukden», em 1931, e pode dizer-se que a mão do agressor mais bateu na calva de Tojo do que no seu rosto.

**★ DANÇARINOS  
★ JAVANESES**

★ **N**UMA sala da Casa da Moçidade Javanesa, na Inglaterra, uma «troupe» de músicos e bailarinos Javaneses ensaia danças típicas do seu país, que até agora eram exclusivas da corte dos sultões de Java. Muitas das danças que eles executam não podiam ser apresentadas em público.

★ Proferem desta forma mostrar aos Ingleses a cultura artística da Indonésia e angariar fundos para a Casa dos Estudantes Indonésios em Londres.

★ Os componentes desta «troupe» são estudantes, médicos, advogados e professores.

★ O significado da dança Javanesa está nos movimentos dos olhos e das mãos.



Esta felicidade é para si, se em caso de má digestão ajudar o seu estômago a funcionar normalmente, tomando um pouco de Magnésia Bisurada depois das refeições, ou sempre que sinta mal-estar gástrico. A Magnésia Bisurada neutraliza a hiper-acidez, fazendo com que coagula uma digestão livre de incômodos. Milhares de pessoas, por todo o mundo, puseram o estômago em ordem, tomando Magnésia Bisurada.

**DIGESTÃO ASSECURADA  
com  
MAGNÉSIA  
BISURADA**

A venda em todas as farmácias, a 15\$00 e 23\$00, p/ ou comprimentos.

**"55" o  
Baton  
da Moda  
não tem rival**

**A TEMPO!**

Todas as manhãs — se tiver o cuidado de tomar ao deitar a sua pastilha de LAXOBAC.

«Laxobac» foi preparado e estudado para os que não têm os intestinos regularizados. A sua acção é certa. Quando tomar «Laxobac» as suas funções intestinais serão cronométricas. Tanto as crianças como os adultos gostam de «Laxobac», que só sabe a chocolate.

**LAXOBAC**

Em todas as farmácias a Escudos 500 e 1200 cada caixa-linha. Lembre-se do nome.



**LIVRARIA ECLECTICA**  
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas.

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

**UM DIÁRIO  
DESPORTIVO  
PORTUGUÊS**



Sob a direcção do sr. dr. Evaristo Serra, iniciou a sua publicação o diário desportivo *Baliza*, que veio preencher uma lacuna no nosso meio jornalístico.

Tratase, sem dúvida, duma arrojada iniciativa, que deve merecer a colaboração de quantos pelo Desporto se interessam.

É um qualidades excepcionais de inteligência e trabalho do sr. dr. Evaristo Serra são garantia de que *Baliza* mais não fará que procurar bem servir a causa do Desporto nacional.

**LIVROS NOVOS  
"O CAPITÃO  
DA MORTE"  
por Adolfo Simões Müller**



O poeta Adolfo Simões Müller, a quem a literatura infantil tanto deve, deu-nos agora, na sua colecção «tente grande para gente pequena», uma pequenina história de Roberto Scott e da sua viagem ao Polo Sul, a que deu o título de «O capitão da morte».

Escuando é encarecer o brilho da linguagem e a forma sensível como o escritor se dirige às crianças, as quais o livro se destina.

Bastará dizer-se que se trata de mais uma obra de Adolfo Simões Müller, príncipe de poetas e cavaleiro andante da nossa literatura infantil, e está feito o melhor elogio a «O capitão da morte» — livro que às crianças se destina mas que os crescidos não deixarão de ler com excepção interestar.





A classe de ginástica educativa do Lisboa Ginásio Clube  
(Fotos Seráfio)

## CONSTITUIU UM ÊXITO NOTÁVEL O SARAU GINÁSTICO LUSO-ESPAANHOL

**A**LCANÇOU um êxito invulgar o sarau ginástico luso-espanhol, realizado no Coliseu de Recreios. A Real Sociedad Ginástica e o Ginásio Club Juvenil, de Madrid, e o Ginásio Clube Português e o Lisboa Ginásio Clube, da nossa capital, apresentaram verdadeiras seleções dos seus elementos mais categorizados nos diversos sectores da ginástica, e o espectáculo atingiu elevado nível perante um público entusiasta, que não cansou de aplaudir.

As senhoritas da Real Sociedad, dirigidas pelo professor André Schwartz, que esteve entre nós durante anos, tiveram as honras da noite com a exibição da classe educativa de ginástica rítmica, na dança regional espanhola «El Vito» e na Chula do Douro.

No seu último número, principalmente, foram alvo duma grande manifestação. Também as senhoritas Silvia e Carmen Garcia alcançaram grande sucesso interpretando, com invulgar sentido coreográfico, a «Tristesse», de Chopin.

Também as exhibições das classes de meninas do Ginásio Clube Português e de rapazes do Lisboa Ginásio foram notáveis, e a exibição de jogo de pau muito aplaudida.

O magnífico espectáculo fechou com saltos em mesa alemã.

Pelos dirigentes dos dois clubes portugueses foram oferecidas taças de recordação aos representantes dos clubes espanhóis — Real Sociedad Ginástica e Ginásio Juvenil, bem como aos membros da Federação Espanhola, que os acompanhavam.

Foi, em resumo, uma bela jornada de aproximação desportiva dos dois países, o sarau ginástico luso-espanhol.

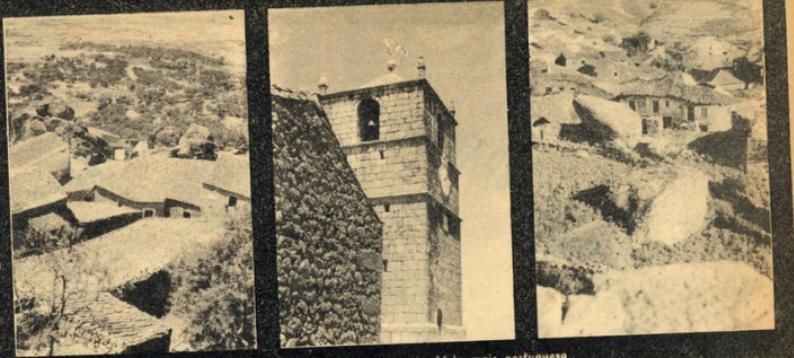
«El Vito», dança regional espanhola



DE CIMA PARA BAIXO: A classe de ginástica rítmica. — Outra atitude da mesma classe — A classe de senhoras da Real Sociedad Ginástica Espanhola — O compeço espanhol em argolas.

# UM ARTISTA

# MONTANHA



Três aspectos de Monsanto — o aldeio mais português



O sr. Fernando Namora com sua esposa e filha

**M**ONSANTO, a aldeia do «galgo de prata», é uma terra única. Quem viaja pelos zigzags das estradas poeirentas de Castelo Branco vê de longe o maciço rochoso e negro que se eleva na planície. A montanha, vista de longe, tem o seu mistério. O carro volta às estradas, mas de todos os lados a serra de Monsanto se depara em frente dos nossos olhos. Negra, pedregosa; o sol de verão põe laivos de luz nos abarracais. A medida que nos aproximamos os nossos olhos vão descobrindo as casitas que milagrosamente se aconecham na encosta por entre lajes e pedregulhos. Será possível que ali viva alguém?

Farmos em baixo, no sopé, é a Relva. Para cima, só homens e animais conseguem trepar num esforço de músculos, mas num delambramento de paisagem grandiosa e de recantos pitorescos únicos.

A aldeia é maior do que supunhamos. Tem algo de extravagante e antigo. Julgamos estar vendo uma coleção de postais curiosos ou um documentário de cinema. É um pequeno burgo como só supunhamos existir nas montanhas espanholas ou nas ilhas do Mediterrâneo. As casas negras e tristes e aplanam-se sem si-

metria nas ruas tortuosas, de lizes grandes, aos degraus. As mulheres se queixam as portas têm o ar solado de habitantes que se desvendam aos olhos dos turistas. As crianças olham curiosas. E os homens passam graves, levando pela mão as bestas humilhadas. As ferraduras ferem as pedras. Escorrega-se a cada passo — homens e animais.

Para cima da aldeia a montanha ainda sobe. Lá no topo é o antigo castelo. Ruínas cheias de sujestão. E em volta, num cenário de maravilha e sonho, os olhos perdem-se nas planuras do sul — campos verdes e férteis, sulcados de estradas brancas, colinas, salpicadas de povoações — ou nas montanhas do norte e noroeste. E perto é a Espanha. Das serras confundindo-se numa só paisagem.

O médico da terra é Fernando Namora. A paisagem, o coração, e o amor por esse povo estranho amarraram-no ali. Médico embora, embora pintor e desenhista, embora um dos mais conhecidos e merecidamente destacados escritores da jovem literatura portuguesa, embora habituado à vida literária e espiritual de Coimbra, Fernando Namora foi sempre e é ainda um homem do povo. Nasceu e criou no campo o seu espírito sente-se bem junto do povo — agora de um povo aparentemente tão diferente do povo da terra em que nasceu. Mas ao fundo e ao cabo os homens são os mesmos. Em Monsanto não haverá a paisagem idílica e vergilhada dos seus campos de Condeixa, nem encontrará a vida inerte e estéril dos cafés da Baixa de Coimbra. Mas nos corações desses homens de Monsanto palpita, tal como em Condeixa, tal como em Coimbra, os mesmos ideais, as mesmas lutas, as mesmas dores — aqui transformadas pela tragédia de uma terra que é dura, agreste e vive longe de tudo.

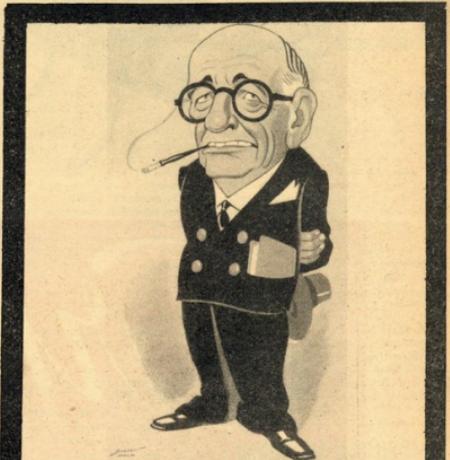
Esse rapaz baixo, moreno, de olhos vivos e gestos decididos, está agarrado à terra como o tronco grosso e negro de uma árvore antiga. Ele é médico, é artista, é poeta, mas essencialmente com quem vive são os seus camaradas de vida e destino. Os seus desenhos de cidade, os seus poemas de cidade e o seu romance «Fogo na noite escura» são obras vividas de um alento rico. Foi o «gênio literário de fácil realização» que levou a criar essas obras, porque ele só é total, homem e artista, tal como se nos deparou em algumas das páginas rústicas do seu primeiro romance, «As 7 partidas do Mundo», tal como se realizou nesse admirável livro de poemas, «Terra», que além de ser um livro formoso e cheio de uma humanidade terna e viril, ficou para sempre como o pilar que marca uma das etapas mais características de toda a nossa literatura, afirmado o papel dos que asseguram que a poesia não é uma lida de Coimbra, a sua terra natal, mas a encontrar-se de novo com o povo; e surgiu «Casa da Malta», uma obra curiosa como produção, funda e humana, «Ojo a seguir», método único de uma mina que a Cuba do milênio e o nosso num viveiro de paixões, ódios e ideais —

«Ida» — e depois definitivamente em Monsanto, Fernando Namora, em plena pujança do seu gênio, encontra o caminho definitivo: surge o lutador. E a sua vida é de luta. Luta contra o nível de vida trágico dos camponeses que o rodeiam, luta contra as doenças desses seus semelhantes, luta por uma arte e uma literatura forte, enérgica, objectiva e honesta. E vêmo-lo ora debruçado sobre o leito dos camponeses, ora assistindo às crianças que nascem já débeis — e é um cavalgar de águas sobre estradas poeirentas e fragas enormes, sob o sol escaldante do verão ou sob a chuva gelada e fustigada pelos ventos frios de inverno.

E vive. Vive junto dos homens do campo ouvindo-lhe os seus sonhos e os seus desesperos. Daí resultaram as suas telas fortes onde a paisagem avassala tudo, os retratos de camponeses, mineiros rurais e contrabandistas, numa riqueza de expressões, os seus contos que tomam o aspecto de epopéia em reportagem e o seu de novo romance «Minas de S. Francisco» que será certamente uma das obras mais características do nosso tempo.

Ali em Monsanto, um médico, um artista, um poeta — um Homem — confunde-se com a terra e com o povo nem sentimento heróico do sentido da vida.

TOMAS RIBAS



## O PROFESSOR ORTEGA Y GASSET

Foi nomeado adido cultural junto da embaixada espanhola em Lisboa

José Ortega y Gasset, o ilustre escritor espanhol que ainda há pouco, no salão de «O Século», realizou, perante um público pelo Governo de Madrid, adido cultural junto da embaixada espanhola em Lisboa.

Gasset, autor da «Rebelião das Massas», obra traduzida em quase todas as línguas, professor de filosofia durante muitos anos na Universidade de Madrid, fundador e director da «Revista do Ocidente», escritor e pensador cujo nome gaíçou fronteiras e tem, mercêmente, projecção internacional, vai, certamente, pôr ao serviço da nova e importante missão que lhe foi confiada, toda a sua excepcional inteligência, a par do seu, tantas vezes «comprovado», carinho para com Portugal e a sua cultura.

\*\*\*\*\*  
 \* **VAI VIAJAR?** \*  
 \* **O** \*  
 \* **Almanaque-guia de Turismo** \*  
 \* **& In-Indispensável** \*  
 \* **Instrutivo, útil e recreativo** \*  
 \* **A venda nas livrarias** \*  
 \* **Preço 12\$50** \*  
 \* **Podidos: Rua do Loreto, 4. 2.º** \*  
 \*\*\*\*\*

A ÚNICA PASTA QUE BRANQUEIA OS DENTES E AVERMELHA AS GENGIVAS



# *Carmim*

CREME  
TORERO

Produtos à venda em todas as casas do ramo — Distribuidores gerais: — António Ferreira Pinto, Limitada  
Rua dos Correiros, 123 — LISBOA PORTO — Rua da Ponte Nova, 70

PAGINA LITERARIA  
Por Alvaro Salema

ROMANCE  
E REALIDADE

A arte superior do romance exige, sem dúvida, muito mais que o talento literário na composição do estilo e a força imaginativa no traçado da ficção. Exige profunda cultura, na acção verdadeira da palavra — isto é, como poder de combinação e criação intelectual — e um sentido muito subtil das relações a manter na arte entre a invenção e o realismo. É sobretudo a fidelidade do objectivo, do verídico, do real no romance tem conduzido a muitos exageros e, através deles, a muitos fracassos; e é um dos riscos que ameaçam a literatura nova portuguesa essa obsessão da objectividade confundida com reprodução expressa de formas determinadas de realidade. Note-se que há já nesta atitude uma voluntária delimitação do real, privando-o de muitas perspectivas e formas sem as quais não podemos chamar de extremamente realista. Mas, para além disso, há que notar ainda as mutilações flagrantes, as estreitezas, até os erros de visão que esse conceito demasiado forçado do romance novo implica. Nada mais descelebre, certamente, do que uma literatura inspirada, por mandato espiritual do nosso tempo, nas realidades flagrantes que solicitam reparação e justiça; mas «inspiradas» nas realidades traduzindo-as em função dessa única universal de justiça, é muito diferente de scóptas da realidade, de reportagem mudada servilmente sobre coisas, em que os próprios seres humanos parecem «colunas», despidas cruaemente dessas outras formas de realidade que são as suas aspirações e sentimentos, conviciando nos sentimentos e nas aspirações dos escritores que os traduzem em literatura. É preciso que o realismo novo, como escola se o quiserem — o que não parece muito estranho — não como movimento arbitratório que se conduzido na maior diversidade de sentidos literários, se torne infinitamente melhor — supere esse conceito muito pobre de realidade na arte literária, que para possa criar a obra que a realidade do nosso tempo require.

ALEXANDRE KAYENIRLING, (2)  
Alexrio Ribeiro

Alexrio Ribeiro não vem revelar como novidade, neste romance agora publicado pela «Inquérito», a sua vocação de romancista. Na obra anterior já tinha afirmado igualmente as suas qualidades pessoais bem definidas, em alguns capítulos que pareciam nitidamente intencionais — na medida em que se pode chamar assim ao que é, talvez, exigência de natureza artística e literária consciente de si mesma. «Bairro Excêntrico» confirma uma e outra coisa com o vivo relevo de uma obra profundamente sincera, bem aberta para a vida que se experimentou ou observou. É a história das vidas simples, ingénuas, amargadas em que se confundem o trabalho e a miséria, numa resignação em que palpitam erupções breves de revolta e uma coragem para apontar a dureza da existência que sugere ao mesmo tempo o heroico e o trágico. A matéria humana do romance foi colhida Alexrio Ribeiro com verdade e forte garra de adivinhação artística a um desses bairros recém-criados, ombros, ignorados que vivem na massa mais ou menos composta da cidade a mácula de uma chaga irremediada. Ali vivem, num mundo estreito e às vezes sórdido, em que consegue preservar-se miraculosamente um colorido breve de lirismo, esses bandos de garotas e crianças, todas as privações na carta suja, que aprendem a ser homens e mulheres precocemente no contacto com as angústias e as lutas da miséria. Os garotos ascendem dolorosamente à vida e nunca mais se apagam das suas pta gradualmente em que vivem, e vivem em tantos seres, sempre diversa pela profundidade com que se marcam os seus dramas multiformes, uma visão literária fortemente vinculada pela

verdade. Nisto mesmo se alienam os fundamentais méritos do personagem — o poder de observação metucioso, a capacidade descritiva ágil e rápida, a simplicidade das imagens que fazem «vers» pela imaginação, o realismo directo e franco em que o diálogo e a narração constituem inteiramente a expressão do que é observado. Mas também os defectos — a descarnação excessiva, a cruza do estilo, cortado em frases curtas, a simplicidade que limita a beleza da composição e, sobretudo, esse recurso literário sempre pouco feliz que é o emprego das locuções populares e das alterações no diálogo para lhes dar pretensa fidelidade. E digo estas últimas fidelidades porque o romancista não consegue nem pode conseguir manter a reprodução fiel da linguagem popular numa só posseção, mesmo breve, da obra escrita. A arte literária não está em reproduzir mas em sugerir essa linguagem popular sem necessidade de recorrer às suas formas textuais.

Alexrio Ribeiro mostra claramente que seria capaz de o conseguir, porque o seu estilo é directo e simples, a simplificação a que o cinge, e o seu poder de transposição das coisas vistas para a forma literária muito nítido e forte. Não se diria isto a um escritor inexperiente ou pobre de virtualidades, deve dizer-se a Alexrio Ribeiro, que é uma das mais definidas e interessantes personalidades de romancista na literatura portuguesa contemporânea.

Algumas notas breves neste seu romance mostram bem a fultura do seu estilo. A uma referência crua e directa de realidade, faz seguir muitas vezes o toque breve da sensibilidade que lhe suscitou, num rápido relance de lirismo ou de adensamento dra-

REVISTA DE LINGUAGEM E PORTUGAL

O conde Hermann Keyserling, que morreu há pouco, foi recordado nos jornais portugueses em noticiários bio-bibliográficos que alguma coisa elucidavam o público mas em que foram unanimemente esquecidas certas notas fundamentais. Keyserling esteve em Portugal há uns quinze anos, comeu e bebeu com abundância germânica graças à mania banqueteadora dos portugueses representativa pelo com largueza e facúndia pelo vaju e, mal passadas as nossas fronteiras, escreveu sobre esta terra amáveis coisas muito curiosas. Para completar a sua necrologia aos olhos dos leitores portugueses, aqui anotamos algumas das suas opiniões publicadas na «Revista de Occidenten» que Ortega y Gasset dirigia, resumindo-as nos termos essenciais:

«Ao português falta o sentido da medida; não possui superioridade relativamente nem humor; a sua «sensação característica pelo orgulho» e a arrogância do anão; as almas dos hebreus típicos de Portugal são limitadas e mutiladas, em contraste com a beleza do meio geográfico em que vive; o português repete constantemente os valores elevados e é, portanto, plebeu; cultiva o decorativo de um modo a que desce a admirar-se mais propriamente «maquiagem»; carece totalmente de sentido filosófico, tendo a tendência para o historicismo, o filologismo e o arqui-vismo; a sua cultura é toda de sensualidades dos cinco sentidos etc.». Tais são alguns dos conceitos predominantemente negativos que o mesmo Keyserling chama «o disparate português».

A este categorico juntou o opulento conde alguns mais, comparando os portugueses de hoje aos gregos

«tanto antigos como modernos, incluindo Marco Polo entre os grandes viajantes deste país e afirmando que boa parte do espírito da Provença, com o seu seculo exclusivo da beleza, continha vivo no nosso da beleza», prosseguindo estas e outras proclamações de julgamento no número 92, anno IX, da «Revista de Occidente».

FAÇA DE PAPEL

Na notícia que se deu nesta página do último livro de Telo de Mascarenhas confundiu-se o título respectivo, que é simplesmente «Telo e Sita», chamando-se-lhe «A lenda de Rima e Sita», além disso, a obra não é um tratado, como se afirmou por equívoco, mas trabalho original do autor inspirado no motivo principal do «Ramayana». A Telo de Mascarenhas se pede desculpa dos lapsos, deixando aqui expressa a devida rectificação.

«Joquim Mota Júnior, autor de «Felicito do Império» e «Sinais do Céu», vai publicar brevemente um novo romance intitulado «O Bruxo da Montanha».

«Encontra-se à venda o romance «Terra Conquistada», de Eduardo Correia de Matos, 1.<sup>o</sup> premio no Concurso de Literatura Colonial em 1945.

«A cidade das mil côres» e a história do volume de crónicas e reportagens publicado pelo jornalista César dos Santos, autor de apreciáveis trabalhos de divulgação sobre a história e a literatura do Japão.

★ CRITICANDO LIVROS ★

mático, um apontamento que universaliza o sentimento vivido pela personagem no processo; e se forjam as mais belas e puras imagens. O movimento dramático da narrativa é conduzido com segurança, brilhante composição dos episódios e equilíbrio de lógica humana que atira a curiosidade do observador do autor. «Bairro Excêntrico» faz antever um mundo diferente em que a miséria não seja o vício de asprezas e máculas escondendo possibilidades de criação, de beleza, de carácter, que vivem na alma dos pobres e a vida não lhes consente realizar; e acaba-se a sua leitura sentindo, realmente, que havendo «gente como aquela mulher, é preciso ser homem, lutar, sofrer ainda, ter esperança... talvez em amanhã ou depois de amanhã».

«AMANHÃ, QUANDO ROMPER O DIA», por Barata Dias

Depois de «O Julz de Agua» e «Romance incompleto», obras em que revelou facilidade de composição e habilidade talvez um pouco ingénuas mas simpática, Barata Dias apresenta com este romance uma tentativa mais responsável de construção literária complexa. Não seria legítimo dizer-se que conseguiu grande êxito com ela. A narrativa, em que se sobrepõem planos sociais e ambientes muito variados, arrasta-se difusa e prolixa sem o forte equilíbrio interno que dá ao romance, mesmo pobre de estilo, o valor de uma criação representativa. O protagonista é uma figura perfiladamente, através da qual Barata Dias tentou «exprimir concepções pessoais sobre a vida e, particularmente, sobre problema» sociais que constituem o drama frente da nossa época. As suas ati-

tudes — para não falar sequer nas suas declamações mais ou menos empoadas, mas sem esvaziada nenhuma originalidade, e em composições circunstancialmente e, por vezes, em manifesto desequilíbrio psicológico. A sobreposição de ambientes e caracteres sociais diferentes não é feita com o fim de se obter uma série de exibir no caso e a narrativa range nas suas juntas mal adaptadas desde o principio ao fim do livro.

Em contraste com isto, porém, Barata Dias possui a facilidade de expressão, por vezes com elegância e sensibilidade, que faz dele um cronista de factos muito apreciável. Talvez a novela e não o romance, com as suas exigências complexas de estrutura, fosse género mais indicado para o seu feio literário, se adquirir a arte ou a técnica da compressão dos episódios, acumulados neste livro em sucessão prolixa, nos dramas essenciais que vale a pena exprimir literariamente.

NÚMERO DA PRIMAVERA  
DA  
"REVISTA  
TURISMO"

Conteúdo grande reportagem  
fotográfica de várias regiões  
algébricas e estagios.  
CERCA DE 80 PAGINAS  
A venda em todo o país  
PREÇO: \$500  
Pedidos à Rua do Loreto, 4-2.<sup>o</sup>



# CAIS DO SODRÉ

UM FILME POPULAR PARA TODA A GENTE

PRODUÇÃO  
DE  
«ARTISTAS UNIDOS»

DISTRIBUIÇÃO  
DE  
«PROD. ARTUR DUARTE, LTD.»

REALIZAÇÃO DE ALEXANDRE PERLA

com

BARRETO POEIRA	ANA MARIA CAMPOY
VIRGILIO TEIXEIRA	JULIETA GASTELO
CARLOS OTERO	C O S T I N H A
OSCAR ACURCIO	ALDA DE AGUIAR
EUGENIO SALVADOR	

Etc., Etc.

EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS TRINDADE E CAPITÓLIO



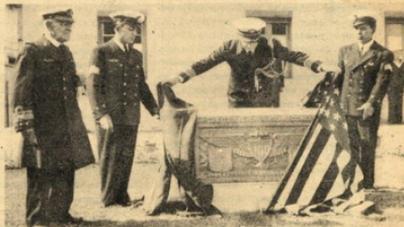
Realizou-se há dias o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ligia dos Santos Seabra com o sr. Alcino Moraes Lage. O acto religioso foi celebrado no templo do Bom Jesus do Monte, em Braga, servindo de padrinhos por parte da noiva seus pais, o sr. Firmino Alves de Seabra e D. Laurinda dos Santos Seabra, e por parte do noivo o sr. José dos Santos Mendonça e sua esposa, D. Benedita Henriques Mendonça.



O sr. Presidente da Câmara Municipal saindo dum dos côcos do bloco de habitações económicas inauguradas no dia 28 de Maio



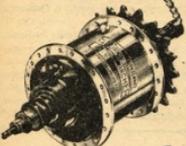
Almoço de homenagem ao sr. Rosa Damásio, promovido pelo Clube Desportivo do Carmo



Descerramento da lápida de homenagem ao comandante Read, no Centro de Aviação Naval, pelo aniversário da primeira travessia aérea do Atlântico

\*\*\*\*\*

Insist on the  
**GENUINE &  
ORIGINAL**



**STURMEY-  
ARCHER**

The CYCLE GEAR with  
TRIGGER CONTROL

STURMEY-ARCHER GEARS LTD  
NOTTINGHAM, ENGLAND.

S.E.1

\*\*\*\*\*



A distinta declamadora D. Dulce de Oliveira, que prendeu, com o encanto da sua voz melodiosa e a sua presença insinuante, a assistência que foi à Sociedade Nacional de Belas Artes ouvir o seu recital de poesia portuguesa

AS  
COMEMORAÇÕES  
DO  
ANIVERSÁRIO DO  
28  
DE MAIO  
REVESTIRAM-SE  
DE GRANDE  
BRILHANTISMO



1) O sr. general Carmona e o Chefe do Governo, aclamados em Braga, sob uma chuva de flores. 2) A chegada a Lisboa do sr. Presidente da República.



A passagem do carro presidencial no Rossio

20.<sup>o</sup> aniversário do movimento de 28 de Maio foi comemorado, em todo o país com grande brilhantismo.

Em Lisboa, as iluminações foram muito admiradas por uma enorme multidão, a ponto de ser difícil andar-se nas ruas na noite de terça-feira.

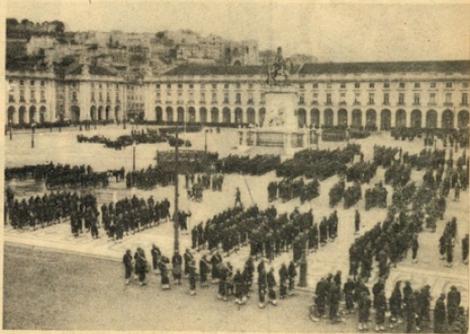
O Chefe do Estado, no regresso da sua triunfal viagem ao Norte, foi aclamadíssimo pela multidão que o aguardava, tendo-se encerrado os escritórios e estabelecimentos comerciais à hora da chegada do combóio presidencial.



Condecoração dum legionário



O Chefe do Estado recebe cumprimentos à chegada à estação do Rossio



A parada dos legionários no Terreiro do Paço



UM GRANDE TOUREIRO

# Manoielete



Manoielete calça e pitueteia das três cores de mauve que usa



Os pés de Manoielete são cobertos assim: calças pretas de 10 e 15 metros



Em primeiro lugar: vestimenta em camurça



Veste umas calças brancas e um casaco verde!



O bonete é apertado e coberto cuidadosamente

## NÃO TOUREARÁ ESTE ANO NA PENÍNSULA



UMA PÁZSE DE COSTAS VOLTADAS AO TOURO



Manoielete despoja-se de seus amigos e vai partir-se para América do Sul



Depois de três costuras desmontar o braço esquerdo, não se lembrará de mais prafes não a lugar.

**C**ONTROLOU-se, pelo menos, a grande Manoielete, que se apresentará em Portugal, em Lisboa, no dia 15 de maio, para fazer o primeiro tourê de sua carreira. O espetáculo, que se realizará em Lisboa, no dia 15 de maio, será o primeiro de uma série de apresentações que se realizarão em Portugal, Espanha e França.

Manoielete é, portanto, o primeiro tourê de sua carreira. O espetáculo, que se realizará em Lisboa, no dia 15 de maio, será o primeiro de uma série de apresentações que se realizarão em Portugal, Espanha e França.

Em 1934, quando Manoielete se apresentou em Lisboa, foi o primeiro de uma série de apresentações que se realizarão em Portugal, Espanha e França.

Manoielete é, portanto, o primeiro tourê de sua carreira. O espetáculo, que se realizará em Lisboa, no dia 15 de maio, será o primeiro de uma série de apresentações que se realizarão em Portugal, Espanha e França.



Manoielete dá o golpe final. Instrumentalmente, o touro cai fora do campo, mas já não tem forças.

O touro é morto, e o público aplaude. Manoielete segura os pés e o couro do touro.



O touro mata o toureiro, depois o corpo do touro. A cabeça do touro.



O touro mata o toureiro, depois o corpo do touro. A cabeça do touro.



G10555/C2368 4x3 1/2

D

These are Britain's Leading Bicycles

# RALEIGH RUDGE HUMBER

British-made bicycles fitted with Sturmey-Archer 3-speed Gears are justly famous for quality and dependability all over the world. Acknowledged leaders of the British bicycle industry are the machines bearing these three names.



## British Bicycles Lead the World

RALEIGH INDUSTRIES LTD.  
NOTTINGHAM, ENGLAND

## MEIAS AMERICANAS (NYLON-DUPONT)

### 51 Gauge

### A autentica meia de vidro

### Recobomos directamente em todos os tamanhos

## MEIA DE VIDRO

Rua Augusta, 158

L. MAITRE & FILS S.A.



**PRONTO**  
WATCH CO  
LE NOIRMONT (SUISSE)  
CABLES: PRONTO TEL. 6-1.08

### Números esgotados de "Vida Mundial Ilustrada"

Encontrando-se completamente esgotados, e sendo indispensáveis para as nossas coleções, compram-se os seguintes números de «Vida Mundial Ilustrada»: 134, 138, 139, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 160, 161, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 188, 191, 192 e 200. Todas as ofertas devem ser dirigidas à nossa administração: Rua da Emenda, 69-2. — Lisboa.

# Enigmas

Orientado por Leiria Dias

## 1.º Torneio — Problema n.º 7

### APARECEU UM CADÁVER



— Pronto. Polícia.  
— Está bem. Vamos imediatamente. Queira aguardar a nossa chegada.  
Com estas palavras o Inspector desligou o aparelho, enquanto dizia para o agente de serviço:  
— Prepare o carro que temos de partir.  
Num barracão, um pouco adiante de Loures, foi descoberto o cadáver de um homem, ao que parece vítima dum fuga de gás.

Momentos depois, o auto da polícia seguia velozmente para o local indicado no telefonema, conduzindo o Inspector, o médico legista e alguns auxiliares.

Em certo ponto da estrada, um homem aguardava a polícia, e mesmo homem, certamente, que, telefonicamente, havia comunicado a descoberta do cadáver.

O Inspector, depois de ter traseado meia dúzia de palavras com o indivíduo, encaminhou-se para o casebre, onde palavra no ar um leve cheiro a gás.

Numa cama jazia o corpo dum homem, aparentemente morto. Próximo do leito, um pequeno cão, preso a uma corral, ladrava, certamente assustado com as inesperadas visitas.

O médico legista, finto o seu exame, não teve dúvidas em declarar um caso de morte por intoxicação, causada pelo gás de iluminação. Foi então, depois destes preliminares, que o Inspector pediu ao «homem do telefonema», para fazer as suas declarações.

Aqui as reproduzimos na íntegra:  
«Passava na estrada, a caminho de Loures, quando estranhei o facto de ouvir dentro do barracão ladrares furiosamente.

Aproximei-me e, pela janela, vi o corpo dum homem, que me pareceu morto, e um cãozito, saltando e ladrando, preso a uma corral. Dei um empurrão na porta mas com o abrir desta, uma forte borfada de gás se escapou. Entrei imediatamente e fechei a torneira por onde se dava a fuga do gás.

Dirigí-me para o homem que jazia na cama, verificando que, pelo menos na aparência, estava morto.

Resolvi então telefonar para a polícia.  
O Inspector, que acabara de sairulir o seu cachimbo, batendo-o de encontro à porta, disse simplesmente para um dos agentes:  
— Ponha as algemas a esse «cavalheiro!»

Perguntase:  
a) Porque prendeu o Inspector o declarante?  
b) Teria o homem morrido no barracão? Que lhe paraceu?

Até ao dia 30 de Junho corrente aceitamos as soluções dos nossos estimados colaboradores, para o enêrigo do costume.

### PROBLEMA N.º 4

#### DECIFRAÇÃO

De entre as soluções enviadas, recebemos uma do persazga *Agente Kaka Tado*, escrita em papel de música e intitulada «Ritmanca... sem cordas», acompanhada da seguinte quadrá:

O violino não tem cordas...  
Quem matou o Ascensão foram os primatinhos Reia p'ra ter o dinheiro à mão...

Era isto mesmo. Anita Reis mentia quando afirmava que o primo estava tocando violino, pois este não tinha cordas. Deve-se ainda dizer que, declarando Jorge Reis que após o chamamento da prima fora para o pé dela, se conclui que não mexera no violino depois do aparecimento do cadáver.

Problema fácil, mas que ainda assim fez com que alguns — até dos seus... — falhassem a resolução.

Eis a nota dos solucionistas  
Com 10 pontos: Rapsag, Alguém, Elviro, Oraval, Philo Vance, Xis, Joacil, Maria Luiza, Mr. J. G. Reeder e Rocambolo (todos com 40 pontos); Mr. Dell, D'ropé, Ordali e Echelo (38); Jorge Belo e Agente Kaka Tado (37); Artur Varratelo, Fantomas e Detective Agita (35); Felipe José Silva e Juvenal Oliveira (34); Fanasha (32); Rial Verro (29); Nuno Mac-Com e Jorge Mil-Homens (10).

Com 5 pontos: Repórter 8 (35); Licam (32); António Godefroy (29); Mário Marques (27).

#### POSTA RESTANTE

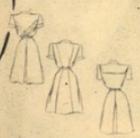
Jorge Mil-Homens, Nuno Mac-Com e Américo de Oliveira — Grato pela vossa visita. Passamos a contar convosco nesta campanha em pra dos problemas policiais.

Repórter 8 — Atendido o seu pedido, como vê. Desta vez falhou, meu caro amigo. Sucede aos melhores. É preciso cautela com os desenhos que, às vezes, dizem tudo.  
Ay ay ay Kaka Tado — Parabéns pela sua humorística decifração, a que, douto, noutra, local, o merecido realce. O que fará voce na próxima vez?...!

PARA SI, MINHA SENHORA...  
**4** MODELOS ORIGINAIS  
 DE ARMINDA PEREIRA  
 EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



- 1) Vestido «sports» em «shantung» branco com vizes azues e vermelhos.
- 2) Muito fresco este vestido em «mousse-côir de creme com leves bordados a verde escuro.
- 3) Simples e prático em crepe branco, este modelo tem o corpo atravessado por duas largas tiras de pespontos.
- 4) Modelo em piquê de seda abeige com pespontos castanhos realçando o corte do corpo.



**«THE COLONIAL DAMES»  
 de Hollywood**

Aconselha «CAMPUS MAKE UP», em seis gloriosos tons  
 Nas grandes casas da especialidade



EM CIMA: O homenageado Henrique Serpe, o comandante da Base Americana do Aeroporto das Lajes, comandante Luce, o oficial do nosso exército, Vieira de Sousa, alguns americanos, no meio de maior alegria ofereceram uma taça que simbolizará para sempre a gratidão de operários portugueses para com um luso-americano.

À ESQUERDA: Henrique Serpe, o luso-americano ao serviço dos E.U., alegrou-se, e nesse dia não dispensou os apuramentos portugueses, e o vinho do Porto a até um cheruto açoreano.

EM BAIXO: No aeroporto das Lajes houve alegria, na festa de homenagem a Henrique Serpe.

## HENRIQUE SERPA UM LUSO-AMERICANO AO SERVIÇO DA ARMADA DOS ESTADOS UNIDOS, FOI HOMENAGEADO POR PORTU- GUESES DOS AÇORES, HOUE FESTA NAS LAGES, O MAIOR AEROPORTO AÇOREANO

A maioria dos portugueses ignora que o maior aeroporto dos Açores é o das Lajes, na Ilha Terceira, que foi o mais caro já construído, 750.000 contos, gesto dir-se-ia incompatível se não fosse a magnífica grandiosidade que o rodeia quer em pistas quer em instalações; que ele foi o fulcro da neutralidade portuguesa, que nela aterraram durante a guerra, em 27 meses, nada menos nada mais que 21.000 das tradições açoreanas, terra de praias e de lavas vulcânicas, aviação, de panoramas maravilhosos e clima tópicio, passadas qual Hawaii, de 200.000 pessoas! Foi o único aeroporto açoreano onde estiverem simultaneamente ingleses, americanos, canadianos e australianos.

Milhares de operários portugueses trabalharam nas Lajes, um dos maiores aeroportos do mundo, com um total de 8 a 9 km. de pistas e 8 estradas; estreitas relações se mantiveram entre portugueses e ingleses e portugueses e americanos.

Há dias assistimos a uma festa de homenagem a Henrique Serpe, um luso-americano filho de pais açoreanos emigrados há umas décadas, para os Estados Unidos e ao Aeroporto das Lajes, encontra nos Açores, a prestar serviço no Aeroporto das Lajes.

Os operários, na Ilha Terceira, afinaram-lhe o português que seus pais, embora parcamente, lhe tinham ensinado e que seriam demonstrar-lhe a sua amizade e gratidão.

O ritual veio dos trabalhadores, de 72 anos, entre centenas de operários portugueses que o acompanharam, dos quais alguns com formando uma filarmónica, ofereceu-lhe uma rica taça com uma penhorante dedicatória.

A festa assistiu o comandante-chefe da Base americana da Ilha Terceira, Com. Luce. Houve um discurso do oficial do Exército Português, Vieira de Sousa, houve entusiasmo, vibração. Um dos jornais diários da Ilha lá esteve entre as centenas de manifestantes.

E já noite, o aeroporto das Lajes se iluminava ferozmente, a altas como todos os dias, e o seu potente farol começava a voltar. Na ponte de comando estava tudo a postos: 3 aviões se preparavam para demandar o aeroporto — um quadrimotor «Sabana», um quadrimotor da «Canadian» e um quadrimotor inglês. No terminal havia um «Constellation» e um outro para o vizinho inglês. No terminal havia um para Paris e outro para o vizinho inglês, aeródromo de Santa Maria, um irmão do aeródromo das Lajes, embora de estatura mais pequena e de instalações provisórias; pelo menos até à data.

Mais uma vez, estivéramos na maior encruzilhada aérea do mundo: o maior aeroporto do Atlântico, as Lajes.

JOÃO AFOSSO

## UMA PINTORA AUTODIDATA



Defenda a pele do seu  
filho...



com

PÓ DE TALCO

bébé

M<sup>me</sup> Campos

A pintora inglesa Rose Baron, mais conhecida pelo pseudónimo de Auntie Ro. (The Rosa), aprendeu a pintar pelos livros, segundo confessa, há doze anos.

O seu atelier é na cozinha. Em vez de cavalete usa uma mesa ou a tábua de engomar.

Enquanto os tachos e as caçarolas fervem sobre o fogão, Rose entrega-se à pintura. Sente-se tão bem com este sistema que o acomelha a todas as donas de casa.

É provável que arranje poucas adeptas neste campo, visto que quase todas as donas de casa se «pintam», mas não poucas as que gostam de pintar.

O seu quadro «Back Street», que mostra um grupo de crianças brincando junto de um carrinho de mão, foi muito apreciado na exposição da «Academia do East End».

Na foto, a senhora Rose Baron dá os últimos retoques no seu quadro «Os Refugiados», onde o drama da mãe e da criança é dado com toda a simplicidade.

## 2 IMAGENS DO MUNDO



## A EVOLUÇÃO DO TELEFONE

Gracias a um invento francês, utilizando as ondas extra-curtas para o telefone, doze pessoas poderão falar ao mesmo tempo e pela mesma linha. Assim, os assinantes não terão de esperar, impacientemente.

Na foto vemos o ministro M. Létouneau, inaugurando a primeira estação deste género, entre Paris e Englien.



## A HISTÓRIA ROMANTICA DO SOLDADO KENNETT S. JENKS

A história desta linda rapariga e do rapaz que lhe dá as boas vindas à sua chegada à América, constituiu um romance — produto da guerra.

O soldado Kennett S. Jenks, do exército dos Estados Unidos que combatia na Europa, viu, um dia, numa revista ilustrada inglesa, a fotografia duma linda rapariga, sentada numa cadeira de rodas, pois era paralisada.

Por carta, o soldado pediu a mão da doente e casaram-se por procuração. E agora, os noivos reuniram-se em Nova-York, para onde a pequena seguiu no «Queen Mary». Pela expressão de ambos, pode adivinhar-se que o casal será feliz e que a pobre doente encontrou, como nos contos de fadas, o príncipe generoso e bom que a desencantou — para a felicidade e para a vida...

## AQUI, PORTO!

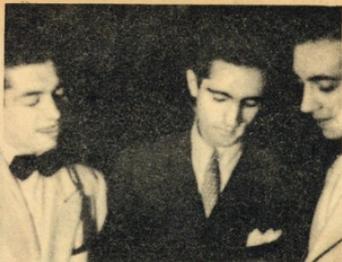
### VAI PARA O AR MAIS UM FESTIVAL DE RÁDIO ...



«Senhor, Senhor...» — um número cantado pelo «duo» Júlio Guimarães-Rocha Curado.



Maria Gabriela numa das suas canções.



Rocha Curado e Júlio Guimarães dizem a Guilherme Ramos Pereira que os artistas de Lisboa são excelentes camaradas!



Resende Dias, num feliz instante



José António, cantando nos jardins do Palácio de Cristal

As três irmãs Meireles, num dos seus números de conjunto...

**I**NTEGRADO nas Festas do «Maio Florido» e organizado pelo S. N. I., realizou-se nos jardins do Palácio de Cristal, do Porto, um festival de Rádio, na noite de 21 de Maio. Nele actuava a orquestra de variedades do E. R. N., sob a direcção de Rezende Dias, os locutores Humberto Mergulhão, Ernesto de Oliveira e Alfredo Pimentel, e as artistas Maria Margarida, Maria Gabriela, José António, Irmãs Meireles, Luíza Maria e o duo Júlio Guimarães — Rocha Curado.

Espectáculo popular, a citada realização do S. N. I. atraiu aos deslumbrantes jardins do Palácio um público numerosíssimo, entre o qual se contava a melhor sociedade do Porto.

Tiraram-se fotografias, dispararam-se perguntas às artistas... e viveu-se de frivola, porque a noite, não obstante o «soirée», golas levantadas, assim nos céu, estava fria, muito fria.

Casacos vestidos por cima das «toilettes» de José António. Pergunta natural: aparecem as Irmãs Meireles, acompanhadas do José António.

— Chegaram bem ao Porto?  
 — Optimamente!, resposta quase em «une voce» pelas Meireles e José António.  
 — O. K.! Vocês querem dizer alguma coisa aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada»?  
 José António, com entusiasmo: — Sim senhor, com muito gosto. Peço-lhe que lhes apresente as minhas mais cordiais saudações. E diga-lhes que gosto imenso de cantar para os ouvintes do Porto, que segundo tenho verificado, sabem escutar melhor do que os de... Lisboa... Isto, sem desprimor para o Sul!  
 — Obrigada! E você, Cidália?  
 — Obrigada! E você, Cidália? — Obrigada! E você, Cidália?  
 Milha, com o seu sorriso maroto, atabou: — O. K., Guilherme, não se esqueça de dizer que saudamos com especial carinho o público portuense!  
 As variedades iam começar. No meio da ansanja que podem imaginar, cumprimentamos a Maria Gabriela e Luíza Maria. Encontramos o mesmo entusiasmo pelo Porto, as mesmas saudações...  
 O resto, podem ver melhor os leitores através das fotos que ilustram estes ligeiros apontamentos, tirados de colaboração com F. Neves.

GUILHERME RAMOS PEREIRA

**E' distinto!**

**PREFERIR**  
**Guimar, Lda**  
**PARA DECORAR**

181, Rua da Prata, 181, 181, 24694, 111604



**PHILIPS**

**1946**

**JOSÉ COSTA**  
**AGENTE OFICIAL DA**  
**"PHILIPS"**

**11, RUA DE S. PAULO, 13 — LISBOA**

\*\*\*\*\*



A beleza, ao por si, não significa no cinema. A personalidade e o talento — é que contam. Katherine Hepburn é, talvez, o caso mais frisante, a documentar a asserção. Não é bonita, nem elegante, nem sequer atraente, no sentido vulgar em que a palavra define aquelas imagens de mulher que nos chamam a atenção incessantemente. Mas no seu face brilha como a chama interior do fogo soprado que é o animo. Os seus olhos, luminosos, são como que dois sinis inludíveis da sua inteligência e do seu espírito. Lector, se és fisionomista, a face de Katherine Hepburn é como que um livro aberto.

★ **O FILME NACIONAL** ★  
 ★ **PERANTE OS MERCADOS ESTRANGEIROS** ★  
 ★ **POR FERNANDO FRAGOSO** ★

O problema da exploração dos filmes fora das fronteiras dos mercados respectivos apresenta múltiplos problemas, que vão desde o económico ao artístico, do social ao diplomático. Com efeito, não nos devemos esquecer que o filme, hoje, desempenha, até certo ponto, e sob muitos aspectos, o papel dum embaixador acreditado — e por vezes desacreditado! — junto do público estrangeiro.

Se nós detivermos, por agora, no aspecto económico, facilmente concluiremos que para os pequenos países, cuja produção luta com a excessiva do mercado, a exhibição além das fronteiras adquire extraordinária importância. Porque podem se buscar, fora do território nacional, as receitas necessárias para equilibrar a balança da sua indústria.

Portugal, sob este aspecto, oferece-nos exemplo frisante, pois o Brasil, a América do Norte, a própria Espanha contribuem normalmente para que se atinja tal finalidade. Mercê de circunstâncias várias, o nosso cinema não pode ainda dum modo geral — resoluções, portanto, casos puramente excepcionais — pretender que os seus filmes passem noutros países que se fale a nossa língua. A menos que grupos populacionais lusitanos sejam suficientemente numerosos — tal o caso da América do Norte — para permitir a exploração, contando apenas com aquele público que busca na tela anualmente alguma coisa que fale ao coração português.

Mas pergunta-se: esses mercados, até vultuosos, terão sido explorados convenientemente? Os produtores obtiveram na América e no Brasil o rendimento proporcional ao êxito que alguns dos nossos filmes alcançaram?

Estas considerações e as perguntas formuladas foram-nos sugeridas pelas palavras de René Clair quando, recentemente, se pronunciou sobre o problema

análogo, que diz respeito à indústria francesa.

«É preciso — declarou o grande realizador — que os produtores renunciem a essa política de *savant-querres* que consistia em vender de qualquer forma e sem olhar a quem, os nossos filmes. Na maior parte das vezes, eles não atingiam a décima parte das receitas que poderiam ser realizadas, se em lugar de ser vendidos a preço fixo, pudessem ter sido distribuídos directamente por firmas francesas, à percentagem, tal como os americanos fazem no nosso país.

Henri Diamant Berger, por seu turno, preconiza a criação dum organismo, oficial ou não oficial, para exportação de filme francês. Organismo oficial, nacional ou cooperativo, que arrecadasse as receitas e as repartisse equitativamente, segundo os valores recebidos dos produtores.

Não há dúvida de que os franceses passaram o dedo na ferida, no que se refere ao aspecto económico da exhibição de filmes no estrangeiro. Não bem sabemos quanto têm pago certos mercados de além-fronteiras pelos nossos filmes, verbas que em geral são cobertas pela primeira semana das oito ou dez que os nossos filmes atingem só na sala de estreia. Sabemos, igualmente, a distância que vai da indústria de filmes franceses para a nossa limitada e perturbada produção nacional. Mas não resta dúvida de que no dia em que os nossos filmes puderem ser explorados, directamente, na América e no Brasil — e alguns países neste sentido já se dizem com bons resultados — o cinema nacional deixará de enriquecer intermediários para obter resultados mais estimulante, e a que tem absoulto direito. Eis um aspecto em que gostaríamos de ver os nossos produtores unidos — pois a solução do problema é absolutamente impossível enquanto persistirem em não juntar os seus esforços, ao menos naquele campo em que as vantagens se distribuíam igualmente por todos.

**P**OSTA distintíssimo — o mais premiado de Espanha desde 1933; diretor da revista espanhola de cinematografia «Primer Plano»; diretor do Círculo de Escritores Teatrais do país vizinho — Adriano del Valle, que há dias veio a Lisboa, no desempenho do seu cargo de Chefe da Secção de Política Cultural do Instituto do Livro, é uma das personalidades de mais relevo nos meios intelectuais da vizinha Espanha.

Amigo sincero do nosso país, que conhece e admira de longa data; companheiro de Fernando Pessoa, de Eugénio de Castro e de outros grandes poetas da nossa terra, Adriano del Valle regressou agora a Lisboa, cerca de vinte anos após a sua primeira estada entre nós. E assim não foi sem emoção que nos falou da alegria de volver a esta terra, sempre presente no seu espírito através da recordação dos gratos momentos que aqui viveu. E assim se explica, até certo ponto, o seu entusiasmo pela cinema português, sempre acolhido com extremos de carinho nas páginas da grande revista que dirige.

Adriano del Valle falou-nos com admiração de «Inés de Castro», que Leitão de Barros dirigiu em Espanha, com a colaboração artística de Garcia Vilgas. Como poeta que é, está ansioso por ver «Camões». E aguarda para esta película um enorme êxito, dada a universalidade do tema e a figura de projecção mundial que nos evoca.

Dos seus filmes lustrados que viu, «Amor de Perdidos» detona-lhe uma impressão muito agradável. E declarou:

Admirê-lo sobretudo, e por assim dizer, aqueles compassos de cinema silencio que presentil nalgumas das suas seqüências. O filme de Lopes Ribeiro não atrapaça o espírito da obra do grande romancista português. A sua desolada fatalidade, a tragédia e a angústia — que nos evocam as obras dos grandes clássicos gregos. Mas, sobretudo, repito, o que me encantou neste filme foi a expressão plástica de valor universal que teve a servil — isso que eu denoté — em um dia de esperanto dos cineas.

# O CINEMA É A POESIA ATRAVÉS DUMA CONVERSA COM ADRIANO DEL VALLE



Adriano del Valle defende com entusiasmo a colaboração luso-espanhola no campo da cinematografia. Atribui-lhe enorme importância no âmbito espiritual, «Inés de Castro» foi a demonstração dos bons pontos desse entendimento. E agora segue-se «Rainha Santa». Fala-nos com sincera admiração de António Villar, que recentemente foi homenageado em Espanha pelo Círculo de Escritores Cinematográficos. E insiste:

— Temos um grande mundo ultramarino que ama, sonha e reza em português e espanhol. Esse mundo distante, mas tão perto de nós pelos sentimentos e afinidades espirituais, aguarda o fruto da colaboração das

duas cinematografias ibéricas. Auguro-lhe os melhores destinos.

Fala-se de poesia. Não nos podemos esquecer que temos diante de nós aquele que é hoje considerado o primeiro poeta de Espanha. Inquilino das tendências da poesia na vizinha Espanha.

— E Adriano del Valle declara-nos: — O momento poético da Espanha de nossos dias agrupa-se em torno de duas revistas, que terão alto significado para os estudiosos de amanhã: «Escorial» e «Garcillas». A poesia clássica, o magistério exercido da sua poesia, tem a sua melhor cêdula na revista «Escorial», dirigida por um grande poeta espanhol, José

Maria Alfaro. A poesia mais jovem e de mais vocação no sentido da marcha de amanhã é promovida pelo grupo da revista «Garcillas», dirigida por José Garcia Nieto. Este grupo alacere e impetuoso, encontrou os volumes da coleção «Adonais» para moldar netes as suas inquietações líricas.

— A pintura, por exemplo — diz-nos o nosso entrevistado — poderá ajudar o cinema a ganhar a batalha decisiva contra a película a preto e branco. E parece-me inútil lamentar a morte do claro-escuro. Não porque não tenha os seus admiradores — e eu serê, talvez, um deles. Mas o cinema está em permanente evolução. E o sentido, agora, e o do cor! O filme a preto e branco? Ou o seu próximo futuro.

Adriano del Valle fala-nos novamente de Portugal, da «nostalgia atlântica» do viziante que atravessa a fronteira da Extremadura, «com o desejo infinito dos limites abertos, de lançar ao mar, pela prova lusitana da geografia ibérica, o coração sentido do Ultramar». E evoca aqueles versos dum poeta espanhol que definiu Portugal através destas estrofes admiráveis:

«Verde navio, Portugal fraterno  
Amarrado ao costado de mis nuellas...

E foi com estas palavras dum poeta, distas por outro poeta, que Adriano del Valle se despediu da nossa terra, para voltar a sentir — quem sabe? — a «nostalgia atlântica» que hade trazê-lo novamente até nós.

## ARTUR DUARTE CONCLUI, EM MADRID, AS FILMAGENS DE "HÓSPEDE DO QUARTO N.º 13"

O NOVO FILME LUSO-ESPAHOL  
CUJA ACCÇÃO DECORRE  
NO ESTORIL

DENTRO de breves dias, Artur Duarte concluiu, em Espanha, as filmagens de «O Hóspede do Quarto 13», onde, ao lado de Alfredo Mayo e de outros artistas prestigiosos do cinema espanhol, veremos, em papel de grande relevo, Teresa Casal, Maria Eugénia e Estêvão Amarante.

O filme, cuja acção se desenrola no Estoril, conta-nos uma aventura de amor, que se desdobra em agudas peripécias policiaes, num crescendo empolgante de interesse. O argumento, da autoria de Fernando Mendes Leite, foi premiado pelo Sindicato Nacional do Espectáculo, no certame anual a que concorrem as melhores scenaristas do país vizinho.

Teresa Casal desempenha o papel duma dessas faleadas doiradas que nos grandes hotéis de luxo se movem em complicadas aventuras internacionais. Maria Eugénia, a «Gentiana da Moura» da história, encarna a doce figura duma rapariga que deserta para a vida e para o amor. Estêvão Amarante descreve, com a sua autoridade de artista, a silhueta levemente cómica dum banqueiro, baixinho pelas mulheres. E Alfredo Mayo, um dos primeiros «reis» do cinema espanhol, vive o papel empolgante dum diuque que se vê envolvido, a certa altura, num escândalo que começa à mesa de jogo do Casino.

As filmagens, dit-nos o nosso Informador madrileño, têm decorrido na melhor ordem, o que não é de estranhar, tratando-se duma organização signada Artur Duarte-Teresa Casal, e Maria Eugénia cunhamas excelente impressão e foram cumpradas de certezas.

E possível que a estreia de «O Hóspede do Quarto 13» se realize antes do início da próxima temporada.



No estúdio Reptence de Madrid. Durante um intervalo de rodagem, Amarante e Artur Duarte iniciam Alfredo Mayo nos segredos do bisco. Da esquerda para a direita, o avião pelo gesto de Amarante...



Artur Duarte e Maria Eugénia estudam o plano que se vai filmar



Artur Duarte dirige uma cena do filme, onde intervem Teresa Casal e Estêvão Amarante

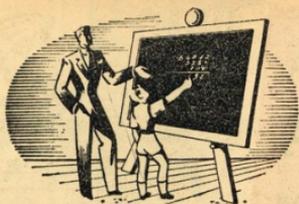
**LEIA JÁ  
DISCÓRDIA**  
por GUSTAVO NETTO

Um romance forte, de paixões violentas, admirável desde o início até final!

**260 PAGINAS, ESC. 10500**  
8 fotografuras

Em todas as livrarias

Edição ARGO — Lisboa: Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º-Di.º

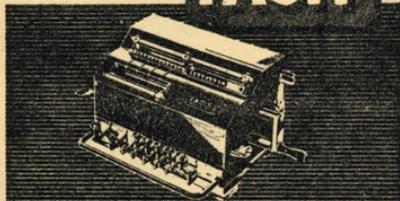


1937

*Não faz falta ao seu filho!*

Mas para V que chega à noite extenuado de calcular mentalmente será utilíssima a

**FACIT**



A MAQUINA QUE CALCULA RAPIDO E CERTO  
SOMA • SUBTRAI • MULTIPLICA • DIVIDE

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, LDA.

LISBOA • RUA DA PRATA, 145 • TEL. 3 3281 E 3 2102  
PORTO • RUA 14 DA BANDEIRA, 339 • TEL. 1 248

**UMA NOVA DESCOBERTA CIENTÍFICA**

*É pelo SANGUE que o cabelo se alimenta*



**Crinisil**  
*o remineralizador do sangue*

COMPRIMIDOS PARA TRATAMENTO INTERNO  
NA LUTA CONTRA A QUEDA DO CABELO

FERRO MANGANÉSIO CÁLCIO SILÍCA - ELEMENTOS NECESSÁRIOS  
A FORMAÇÃO DO FOLÍCULO PILOSO

TUBO DE 50 COMPRIMIDOS - Esc. 25.000 EM QUALQUER FARMÁCIA  
DEPOSITARIAS ESTABELECIMENTOS CANOBBIO

- LISBOA - PORTO - COIMBRA - FUNCHAL -

## A ABERTURA DAS CORTES EM MADRID



Franco, pronunciando o seu discurso



O corpo diplomático escutando o discurso do chefe do Estado espanhol. Na fotografia vêm-se o Núncio de S.S., Monsenhor Cicognani, e os embaixadores da Grã-Bretanha, Itália e Portugal.



As palavras do chefe do Estado espanhol são acolhidas com aplausos pelos procuradores



O povo aclama o general Franco à saída das côrtes

Revestiu-se de grande imponência a abertura das côrtes, em Madrid. O generalíssimo Franco, que pronunciou um importante discurso, foi aclamado, à entrada e à saída das côrtes, pelo povo. Assistiram à cerimônia o corpo diplomático acreditado em Madrid e todos os procuradores, que acolheram, com grandes aplausos, as palavras do caudillo.

**MEDICINAL**  
**PASTA** **COU TO**

**TRATA**  
gengivas doencadas  
ou sangrentas

**EVITA**  
estomatites mercuriais  
ou biomiticas

**MATA**  
os microbios da boca,  
que dão causa a tantas  
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00  
Medicinal grande — tubo 17\$50  
Vulgar pequena — tubo 4\$00  
Vulgar grande — tubo 7\$00

**Tika**  
**MATA**  
PERCEVEJOS  
BARATAS  
PULGAS  
TRACA

À VENDA EM TODA A PARTE.

Caixa pequena..... 3\$00  
Caixa grande..... 8\$00

Dep.º: COUTO, L. 4ª — Porto  
L. S. Domingos, 105

**Diga adeus**  
**a todos os seus**  
**males „ pés**



**Éis um remédio simples**

Acabe com os seus sofrimentos para sempre. Ponha uma mão cheia de Saltratos Rodel num banho de pés quente. Mergulhe nos seus pés doídos. Alívio imediato! Continue durante 3 dias este banho curativo oxigenado, activo e poderoso. Milagrel a dor, o inchoço, a inflamação, tudo desapareceu. Os calos estão amolecidos, pronto para ser estirpados com os dedos. Os pés estão brancos, macios e lisos. Porquê sofrer um dia mais? Os Saltratos Rodel vendem-se nas farmácias e drograrias a preço insignificante.

**ROSLER**  
*Meias*  
RDA ASSUNÇÃO FLUSBOA  
LOJA E PANDAO



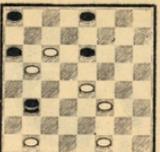
# PASSA TEMPO



BIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques, 58, do Bandeira, 106, 3.ª, LISBOA

## DAMAS

(Secção portuguesa)  
**PROBLEMA INEDITO N.º 51**  
Por Raul Duarte Girdo  
(Vornes)  
Brancas: 6 pedras.



Pedras: 4 pedras e uma «dama». As brancas jogam e ganham.

**1.º CAMPEONATO DE «DAMAS» POR CORRESPONDENCIA DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»**

Série A  
1.º — Hilário Lança Elias (Beja).  
2.º — José Rodrigues Iria (Charnusca).  
Eliminados  
António da Costa Santos (Homena).  
Humberto Duarte Silva (Boticelho).

Série C  
1.º — Arnaldo Flores Raposo (Beja), 8 pontos.  
2.º — Carlos Pereira (Lisboa), 7 pontos.  
3.º — José Soares (Alenquer), 6 pontos.  
4.º — Rufino Steech de Miranda (Ribeira de Ave), 4 pontos.

**PIXA DE PALAVRAS**  
PROBLEMA N.º 12  
(Dedicado por Armando Nogueira aos seus pais)



ENUNCIADO

- 1 — Monstro fabuloso dos antigos.
- 2 — Com asas.
- 3 — Fardo.
- 4 — Inferior.
- 5 — Bando de animais.
- 6 — Acervo.
- 7 — Seguinte.
- 8 — Destruir.
- 9 — Lazete.

Resolvido este problema encontra-se, na coluna X, o nome e apelido duma estrela de cinema.

**HIROGLOS**  
(Publicados em 23/5/946)

- Resolução**  
1 — Morgado. 2 — Escarvalho. 3 — Dornid. 4 — Anelar.

**SOLUÇÃO DO JOGO DE PALAVRAS (N.º 4). PUBLICADO EM 9/5/946**

- 1 — Pobre. 2 — Poço. 3 — Poeta. 4 — Poderio. 5 — Poelras. 6 — Polónia. 7 — Poire. 8 — Poema. 9 — Poeta. 10 — Poja.

**SOLUÇÃO DAS PERGUNTAS FEITAS EM 9/5/946**  
1.º — Os almos, porque tocam a fíndulos (afimidos).  
2.º — Egua (Légua).  
3.º — Bazar (Azar).

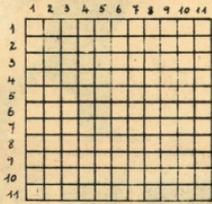
## PALAVRAS CRUZADAS

(Nova Modalidade)  
**PROBLEMA N.º 6**  
Por Paulo Augusto João da Silva  
(Alcortense)  
ENUNCIADO

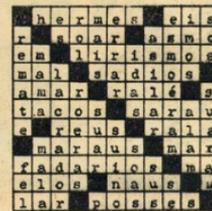
**HORIZONTAIS:** 1 — Febre intermitente que volta todos os dias à mesma hora; vogal; não acompanhado. 2 — Paragem; cont. de prep. e art. ind.; o mal. 3 — Jornalista; nota musical. 4 — Imbecil; templo. 5 — Valtel; vogal; cóz muito vermelha. 6 — Altar; grande quantidade; sílga. 7 — Luto; mordicar. 8 — De ledo; concede. 9 — Esqueleto; frequentas. 10 — Consoante; cobra que acompanha o gado lanar, para torcer leite ao pastor (pl.). 11 — Aparência; com asas; vogal.

**VERTICAIS:** 1 — Presente; lugar onde se junta o pelco da armação. 2 — Refutar; está; consoante. 3 — Dissimulados. 4 — Extraordinário; animal equídeo. 5 — Vogal; também; jornadas. 6 — Pretexto; enfeitada. 7 — Antiga primeira nota da escala musical; cont. de prep. e art.; oitegra (inv.). 8 — Nome de mulher; consoante; consoante; direcção. 9 — Guerra; aspecto. 10 — Conversa insipida. 11 — Fábrica de loiça de barro; cresta.

Verificável: Dicionário de Silva Bantas.



**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5**  
(Nova Modalidade)



**USE SEMPRE**  
**Spa** (Regd.)  
**ESCOVAS DE DENTES**

“Spa” é nova escova de dentes com pêlos de “nylon” representa um grande adiantamento na higiene dental. “Spa” limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higiénica. Uma simples enxagueda e “Spa” fica tão limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A venda em toda a parte.

Fabricadas por  
**JOHN FREEMAN & CO. LTD.**  
SPA Brush Works, Chessam, Bucks., England

Deposítarios: J. Pires Tavares, Sucrs.-J. da Silva Pires, L.ª, Lisboa

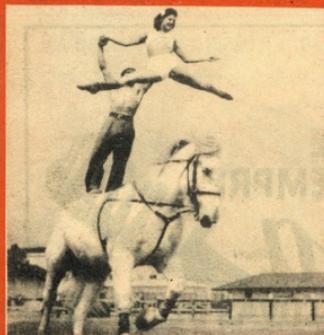
**para a higiene dental!**



Este rainha da sala, Geraldina Hill, realiza uma curiosa e perigosa dança acrobática



O palhaço Lou Jacobs dorme um sonoco ao sol

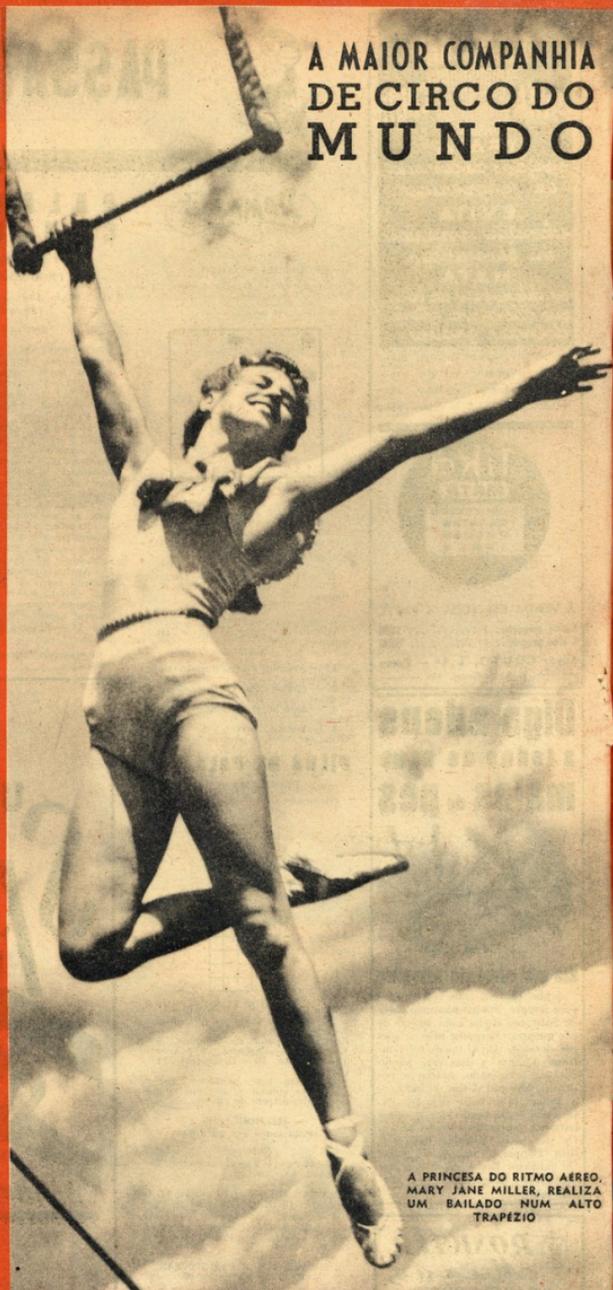


Guistino Loyal e Ernestino Clark exercitam-se num piceadouro ao ar livre



Este salto é executado por Miss Clarke sobre o dorso de um «Percheron», que marcha continuamente sem

# A MAIOR COMPANHIA DE CIRCO DO MUNDO



A PRINCESA DO RITMO AÉREO,  
MARY JANE MILLER, REALIZA  
UM BAILADO NUM ALTO  
TRAPEZIO

A CÉLEBRE COMPANHIA DE CIRCO BINGLING BROS E BARNUM & BAILEY ENCONTRA-SE EM SARASOTA EM PREPARATIVOS PARA O INÍCIO DA NOVA TEMPORADA. AS FOTOGRAFIAS QUE APARECEM NESTA PAGINA FORAM TIRADAS PELA LIFE DURANTE OS ENSAIOS DE INVERNO.